

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes
Departamento de Design

Karã'dá

Estamparia da vegetação do Cerrado

Relatório requisito parcial para conclusão do
Bacharelado em Design

Manuela Gomes Martins
14/0026967

Orientador
Prof Dr Evandro Perotto

Brasília
2018

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes
Departamento de Design
Diplomação em Design, habilitação Programação Visual

Coordenadora:

Geórgia Castro

Banca Examinadora:

-

-

-

Universidade de Brasília
Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte
CEP: 70910-900
Brasília - DF, Brasil

Nada do que vivemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas

Cora Coralina

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que sempre incentivaram os meus estudos, que me possibilitou entrar neste universo maravilhoso que é a UnB. Às minhas irmãs Laura e Hoanna que sempre fizeram parte das minhas peripécias de desenho e moda desde criança.

Aos meus amigos Xicão, Charlinho, Bilu, Heitorzim, Nay e Luiza Maria que fizeram desta trajetória no Design inesquecível e com muitos aprendizados, e que me fizeram todos os dias acreditar no meu potencial como designer.

E ao Evandro, meu orientador, que desde o começo se mostrou muito entusiasmado a respeito deste projeto e me manteve no caminho para chegar à sua conclusão.

Resumo

Karã'dá provém do Tupi e designa as palmeiras conhecidas como buriti e carnaúba, nativas do Brasil e, no clima seco do centro-oeste, são indicativas de água no solo. É um estudo sobre espécies da flora do Cerrado, buscando por meio delas representar um pouco da riqueza do centro-oeste brasileiro. Com este propósito, as espécies foram ilustradas e transformadas em estampas corridas para aplicação têxtil. Por fim, além da coleção de estampas, foram criadas as peças de vestuário em que elas são aplicadas.

Abstract

Karã'dá is the native tupi name for the buriti and carnaúba palm trees, native from Brazil and is a study about Cerrado flora species, searching through them represent a little of its abundance. With that purpose, the species were illustrated and transformed in patterns to be printed in fabric. At last, besides the pattern collection, some pieces of clothing were designed for the patterns to be applied.

Sumário

Lista de figuras	8
1 - Introdução	11
Objetivo geral	11
Objetivos específicos	11
2 -Revisão Bibliográfica	12
2.1 O Design de Superfície	12
2.1.1. Design de Superfície Funcional - Dazzle	12
2.1.2 O Design de Superfície na Moda	14
2.2 O Cerrado	17
3 - Desenvolvimento	18
4. Geração de Alternativas	23
4.1 Oiti-do-Sertão	23
4.2 Caju	32
4.3 Caliandra	36
4.4 Aplicação	44
5 - Conclusão	46
6. Bibliografia	47

Lista de figuras

Figura 1- destróier americano USS Fletcher da Segunda Guerra Mundial

Figura 2 - A visão do artista sobre como a embarcação apareceria sobre o periscópio inimigo com e sem camuflagem - Enciclopédia Britânica, 1922

Figura 3 - Fragata Britânica HMS Argus, cerca de 1918

Figura 4- aplicações feitas com tecido para criação de vestido

Figura 5- desfile de Primavera/Verão 2019 da Moschino em que a inspiração das estampas são os próprios croquis de moda desenhados rapidamente para simular renda ou cor sólida colorida

Figura 6- fotografia da trama de lã

Figura 7- textura abstrata simulando a pele de onça

figura 8- fotografia da marca “Quero Melancia” de vestido com estampa corrida de constelações impressa em serigrafia

Figura 9, 10 e 11 - exemplos de estampas de Zoe Wodarz

Figuras 12, 13 e 14 - exemplos de estampas de Jennifer Bouron

Figura 15- fotografia da Faveira-do-Campo

Figura 16- estampa criada inspirada na Faveira-do-Campo

Figura 17- fotografia do Cacto-do-Cerrado

Figura 18- estampa feita a partir do Cacto-do-Cerrado

Figura 19 - flores e botões do Oiti

Figura 20 - primeiro rascunho do oiti

Figura 21- segundo rascunho do oiti

Figura 22 - terceiro rascunho do oiti

Figura 23- primeiro teste de estampa do Oiti

Figura 24- segundo teste de estampa do oiti

Figura 25- rascunho das flores e folha do oiti

Figura 26- quarto teste de estampa do oiti

Figura 27- novas versões das flores do oiti

Figura 28- versão final da estampa Oiti-do-sertão

Figura 29- fotografia de detalhes das folhas e frutos do cajueiro

Figura 30- primeiro rascunho dos elementos da estampa cajueiro

Figura 31- primeiro teste da estampa cajueiro

Figura 32- segundo rascunho dos elementos da estampa cajueiro

Figura 33- teste de impressão da estampa cajueiro em tricoline de algodão

Figura 34- versão final da estampa cajueiro

Figura 35- fotografia da flor Caliantra

Figura 36, 37 e 38- rascunhos de caliandras vermelhas

Figura 39- primeiro teste da estampa caliandra

Figura 40 e 41- rascunhos de caliandras brancas

Figura 42- segunda versão da estampa caliandra

Figura 43- terceira versão da estampa caliandra

Figura 44- amostras impressas em malha crepe moss e malha viscosoft da estampa caliandra

Figura 45- quarta versão da estampa caliandra

Figura 46- quinta versão da estampa caliandra

Figura 47- sexta versão da estampa caliandra

Figura 48- versão final da estampa caliandra

Figura 49- croqui do vestuário para a estampa Oiti-do-Sertão

Figura 50- croqui do vestido para a estampa Caju

Figura 51- croqui do conjunto para a estampa Caliandra

1. Introdução

O Cerrado é um dos seis grandes biomas que compõem a vegetação brasileira. Predominante do Centro-oeste do país, o Cerrado faz fronteiras com outros quatro biomas.

Ele possui algumas características marcantes, como suas duas estações de chuva e de seca; mata densa, fechada, de onde vem seu nome; flora e fauna riquíssimas e únicas.

Também conhecida como “savana brasileira”, é esta vegetação que cerca Brasília. Na busca de um tema, a identificação com a cidade e sua natureza foi um fator determinante.

Entretanto, a grande questão era como transformar essa reflexão acerca do Cerrado em um produto de design. A moda é uma ferramenta rica e poderosa de comunicação, e por meio dela que o projeto tomou vida. Foi o projeto de superfície aplicado a vestuário que deu forma ao trabalho Karã'dá.

1.1 Objetivo geral

O desenvolvimento de uma coleção de estampas inspiradas na flora nativa do Cerrado brasileiro.

1.2 Objetivos específicos

Estudar espécies do cerrado, suas peculiaridades e especificidades; selecionar as espécies que serão utilizadas para as estampas, abrangendo algumas variedades; exercitar o desenho, observação e abstração; gerar 3 estampas diferentes.

2 Revisão bibliográfica

2.1 O Design de Superfície

O design de superfície é qualquer tipo de arte (padrão, ilustração, lettering, etc.) feito por um designer com a intenção de aplicá-la sobre uma superfície para destacar sua aparência ou funcionalidade.

Por exemplo, o trabalho de um projetista de móveis é elaborar designs interessantes e funcionais de mobiliário, e o do arquiteto é planejar ambientes agradáveis e eficientes. O designer de superfície entra quando o projetista de móveis precisa de um tecido para complementar a visão que tinha do seu sofá ou quando o arquiteto precisa sinalizar que determinada área de um edifício apresenta riscos para pessoas não autorizadas.

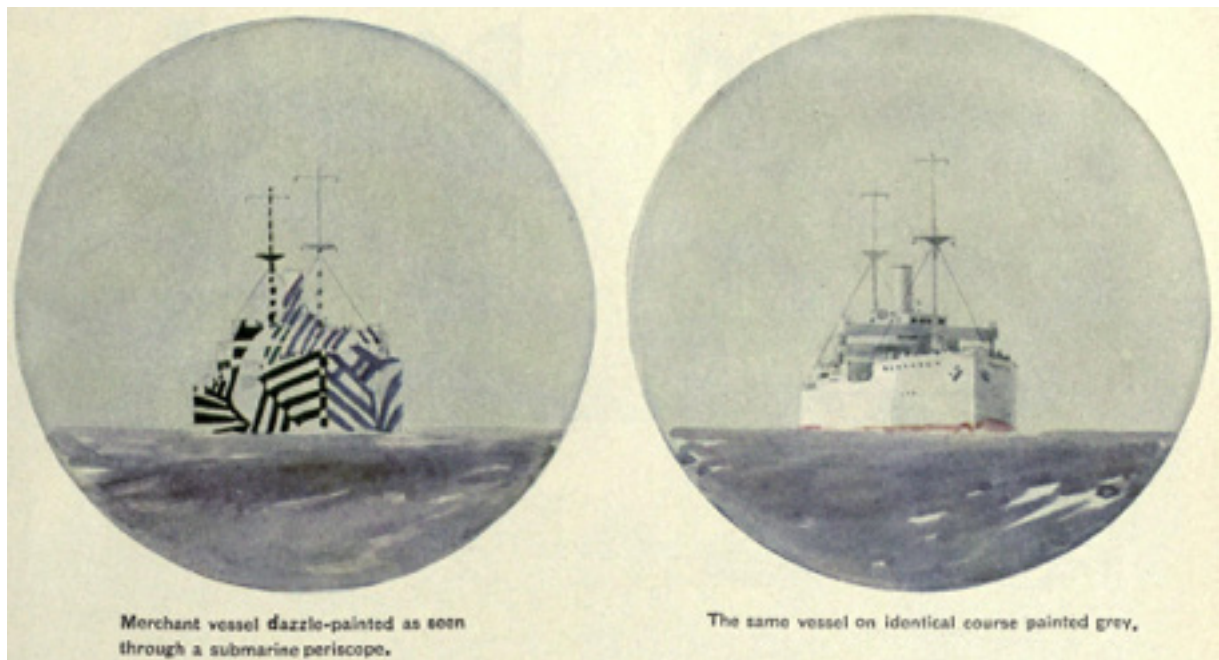
2.1.1 Design de Superfície Funcional - Dazzle

A camuflagem Dazzle foi um tipo de camuflagem usada extensivamente na Primeira Guerra Mundial. Comumente creditada ao pintor britânico Norman Wilkinson, mas também reclamada pelo zoólogo John Graham Kerr, consiste em padrões geométricos complexos em cores contrastantes, cruzando e interrompendo uns aos outros.



(figura 1 - destróier americano USS Fletcher da Segunda Guerra Mundial)

A primeira vista, parece que a camuflagem mais chama atenção para os navios do que os esconde. Esta abordagem foi desenvolvida após os navios britânicos falharem em se esconder de embarcações inimigas. John Graham Kerr propôs esse tipo de camuflagem para a esquadra real durante a Primeira Guerra Mundial, ressaltando que o acreditava ser um princípio aplicável, a camuflagem disruptiva. Em uma carta a Winston Churchill em 1914, explicou que o objetivo era confundir, e não esconder, ao interromper as formas do barco. Kerr comparou o efeito ao criado por padrões de pelos de animais terrestres, como zebras, girafas e tigres.



(figura 2 - A visão do artista sobre como a embarcação apareceria sobre o periscópio inimigo com e sem camuflagem - Enciclopédia Britânica, 1922)



(figura 3 - Fragata Britânica HMS Argus, cerca de 1918)

2.1.2 O Design de Superfície na Moda

O design de superfície é amplamente explorado na moda: no desenvolvimento de estampas, pintura de tecidos, bordar peças, fazer aplicações, entre outras das várias técnicas existentes. O design de superfície é tudo aquilo proposto no material em que a peça de vestuário será concebida.

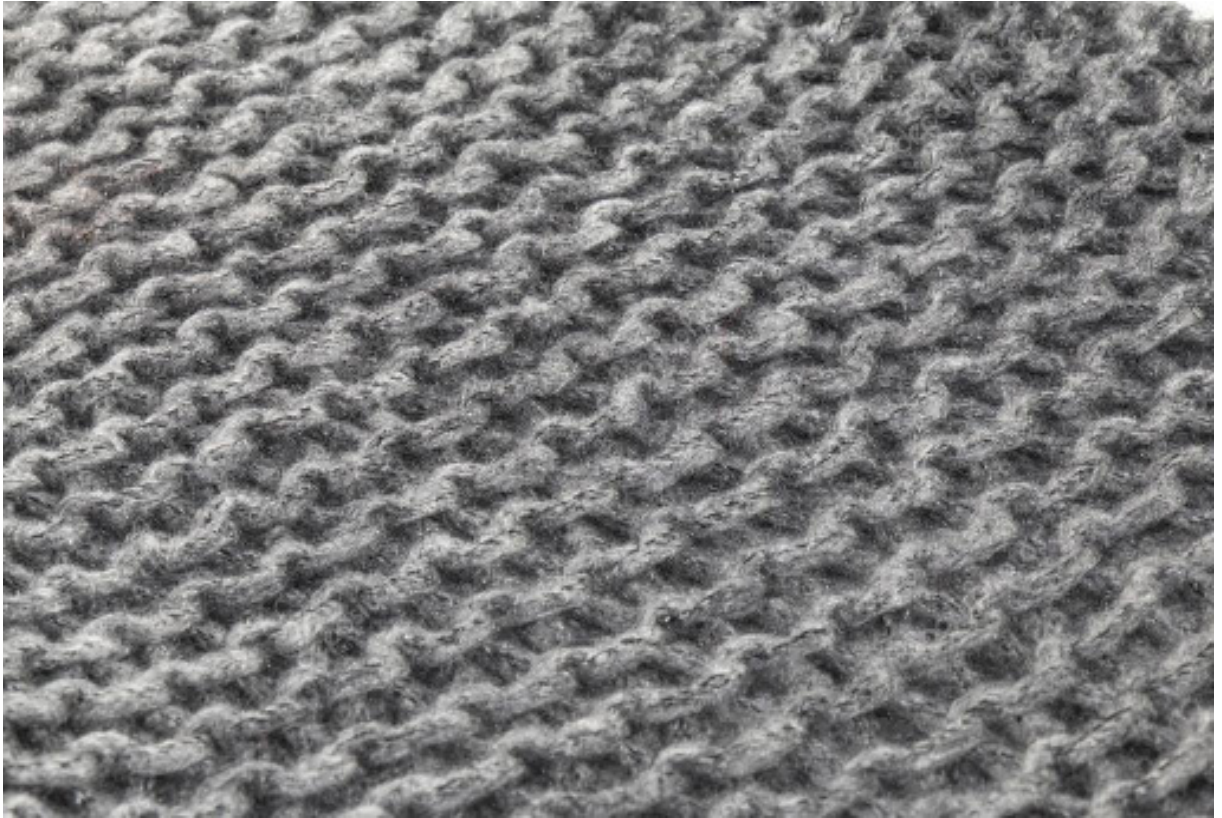


(figura 4 - aplicações feitas com tecido para criação de vestido)



(figura 5- desfile de Primavera/Verão 2019 da Moschino em que a inspiração são os próprios croquis)

O design de superfície explora as texturas, podendo elas serem texturas físicas, as que podem ser sentidas com o tato, como o toque do giz ou as pinceladas de uma pintura a óleo, e que estruturalmente se diferem, como a textura da seda em comparação à da lã; e as texturas visuais, que são criadas em imagens 2D e capazes de transmitir as sensações tridimensionais do toque por meio da imagem.



(figura 6 - fotografia da trama de lã)



(figura 7- textura abstrata simulando a pele de onça)

Na produção têxtil ambas as formas de textura são exploradas, na escolha do tecido e na escolha das estampas que serão impressas neles. Até o processo de impressão proporciona texturas diferentes, como a serigrafia que deixa a camada de tinta sobre o tecido, ou a impressão digital que deixa imperceptível o toque da impressão.



(figura 8- fotografia da marca “Quero Melancia” de vestido com estampa corrida de constelações impressa em serigrafia)

2.2 O Cerrado

No Brasil existem seis grandes biomas naturais: a Amazônia, Caatinga, Pantanal, Cerrado, Mata Atlântica e Pampas. Mas para este projeto, o foco será no Bioma Cerrado.

O Cerrado possui uma extensão de aproximadamente 2.036.448 milhões de hectares, o que representa cerca de 23,98% do território brasileiro. Ele também possui fronteiras com quase todos os outros biomas do país, com exceção dos Pampas, o que torna o Cerrado ainda mais rico em biodiversidade. Nele, é bastante definido duas estações climáticas, a de seca - que dura entre abril e setembro aproximadamente - e a de chuvas que é de outubro a março.

Este bioma possui diversas fitofisionomias, que variam de campos abertos a florestas densas com vegetação de até 30 metros de altura, mas a mais comum é a que apresenta arbustos e árvores tortuosas, geralmente com portes menores, que é chamado de Cerrado Típico. Algumas das fitofisionomias que compõem o bioma Cerrado são as Matas de Galerias, Cerradão, Veredas, Matas Secas, Campos Rupestres, Campos Úmidos, entre outros.

A biodiversidade do Cerrado é muito rica, nele já foram registradas mais de 10 mil espécies de plantas, 159 espécies de mamíferos, 837 aves, 180 répteis, 150 anfíbios, 1200 peixes e 67 mil espécies de invertebrados. A grande maioria destas espécies são endêmicas, ou seja, só existem neste bioma. Todos estes dados a respeito do Cerrado foram coletados em 2006 por Maria Cristina de Oliveira e Fabiana de Gois Aquino para uma publicação da Embrapa a respeito de conservação e preservação.

3. Desenvolvimento

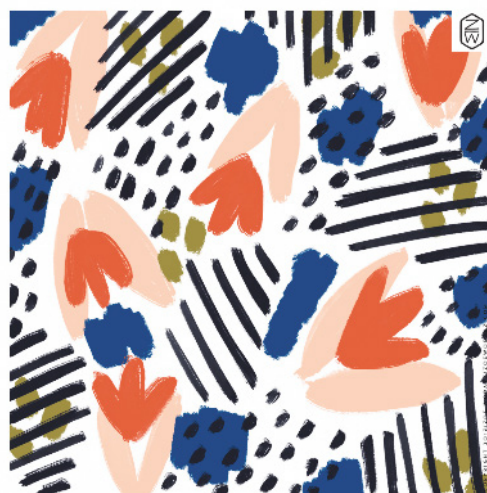
A proposta do projeto é criar uma coleção de estampas que sintetizem as formas das espécies do Cerrado selecionadas, mostrando sua diversidade e riqueza em desenhos simples, que serão impressos em tecido e usados em vestuário.

Para o estilo gráfico das estampas, buscou-se a simplificação das figuras, mas preservando as formas das espécies representadas. As principais referências visuais utilizadas foram os trabalhos das designers Zoe Wodarz e Jennifer Bouron.



Illegible text

(figura 9)



Illegible text

(figura 10)



Illegible text

Illegible text

(figura 11)

(figura 9, 10 e 11 - exemplos de estampas de Zoe Wodarz)



(figura 12)



(figura 13)



(figura 14)

(figuras 12, 13 e 14 - exemplos de estampas de Jennifer Bouron)

O projeto foi inicialmente idealizado como um exercício de criatividade e prática de desenho acerca do bioma Cerrado. A pesquisa inicial foi feita pelo livro 100 Árvores do Cerrado, de Manoel Cláudio Silva Júnior.

Com a pesquisa prévia sobre a flora nativa realizada, definiu-se que as espécies a serem trabalhadas seriam Oiti-do-sertão (*Couepia grandiflora*), Cajueiro (*Anacardium occidentale*) e Caliantra (*Calliandra dysantha*). Estas foram determinadas de forma a se evitar clichês, como ipês e pequis; pela possibilidade de reprodução e sintetização; pela possibilidade de identificação; e por critérios estéticos subjetivos.

Alguns desenhos foram descartados pela dificuldade de identificação da espécie ao sintetizar a forma, como foi o caso da Faveira-do-Campo (*Dimorphandra mollis* Benth) e no caso do Cacto-do-Cerrado (*Pilosocereus machrisii*) que o desenho acabou ficando genérico, impossibilitando sua identificação.



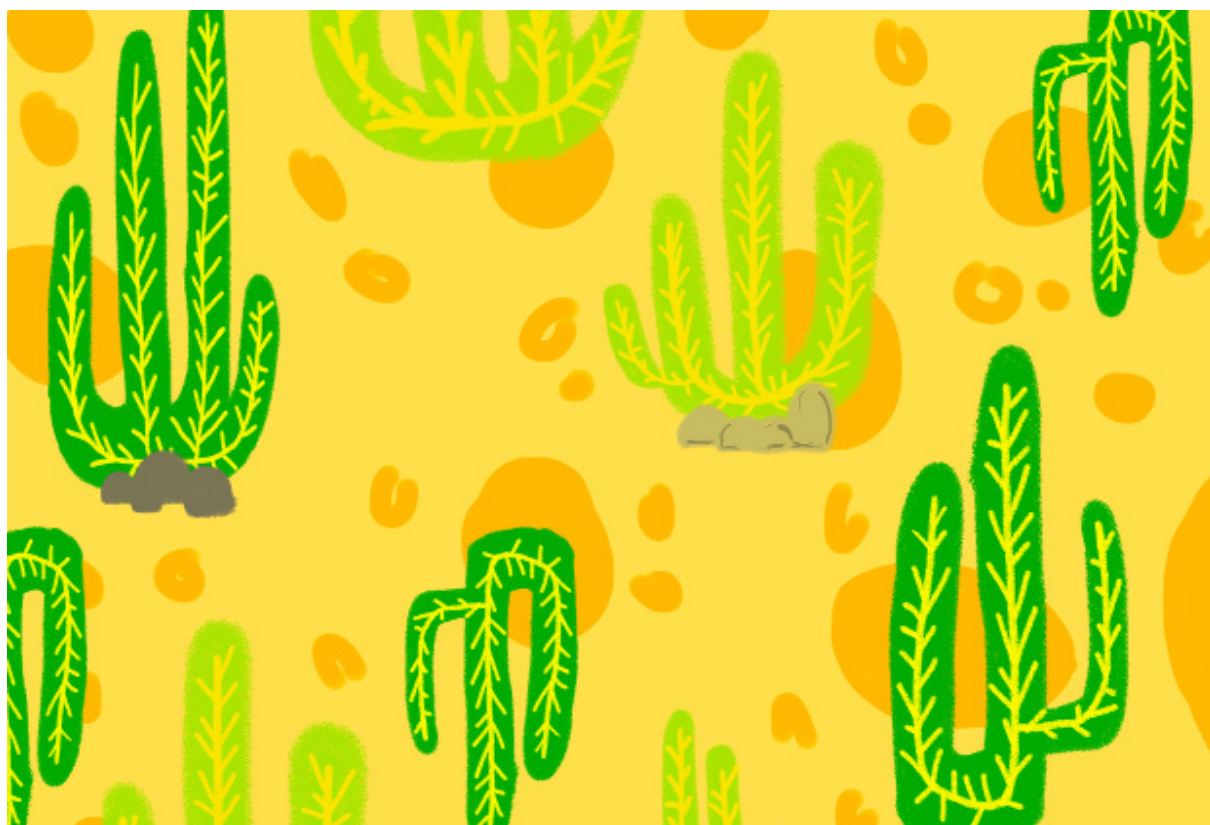
(figura 15 - fotografia da Faveira-do-Campo)



(figura 16 - estampa criada inspirada na Faveira-do-Campo)



(figura 17 - fotografia do Cacto-do-Cerrado)



(figura 18 - estampa feita a partir do Cacto-do-Cerrado)

A partir da seleção, foram realizados estudos das formas para verificar que a representação seria possível e satisfatória, com diversidade de cores e formas. Posteriormente experimentou-se diferentes rapports partindo dos desenhos definidos.

4. Geração de alternativas

Partindo da pesquisa, as seguintes espécies foram escolhidas:

4.1 Oiti-do-Sertão

O oiti-do-sertão (*Couepia grandiflora*), conhecido também como utirana ou fruta-de-ema, o oiti é um fruto que pode aparecer em arbusto ou árvore. Seus frutos dão entre dezembro e fevereiro, e além de servirem para alimentação, possuem propriedades medicinais.



(figura 19 - flores e botões do Oiti)

Inicialmente para esta estampa, foram realizados diversos esboços das flores, ramos e diversas partes da árvore. Nesta etapa, pôde-se perceber que as flores e a árvore possuem formas complexas, e representar todos os elementos fariam do desenho poluído e confuso, que provavelmente não funcionaria numa estampa corrida. Então retomaram-se os esboços buscando simplificar as formas das flores.



(figura 20 - primeiro rascunho do oiti)



(figura 21 - segundo rascunho do oiti)

Chegou-se a alguns desenhos das flores:



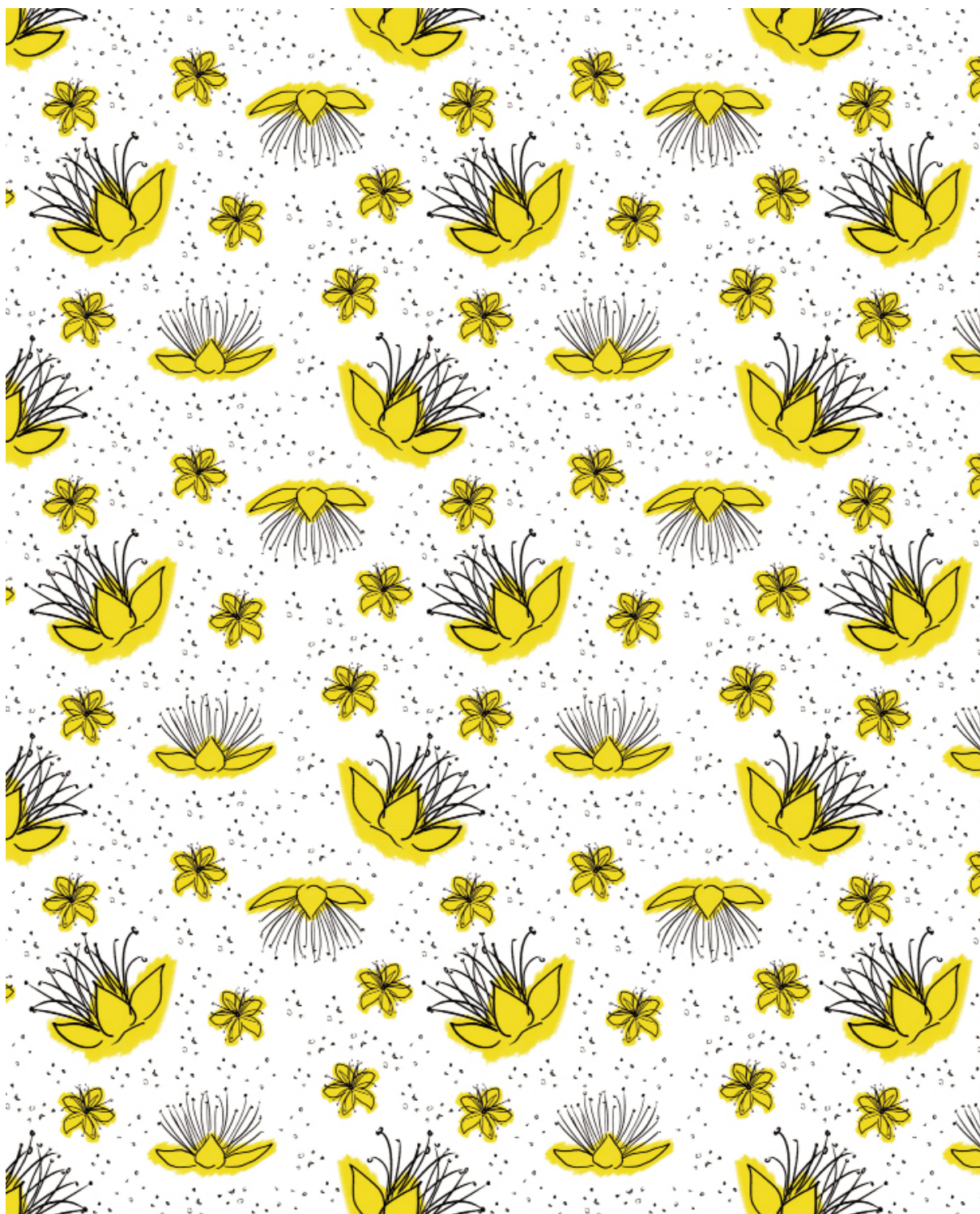
(figura 22 - terceiro rascunho do oiti)

E a partir deles, fez-se um primeiro teste da estampa. Junto às flores, foram acrescentados alguns pontos, que representavam o pólen das flores, e uma pintura de fundo. Nesta versão, pôde-se notar a diferença de peso de linha de algumas flores para outras e que a pintura do fundo não tinha propósito à forma da flor.



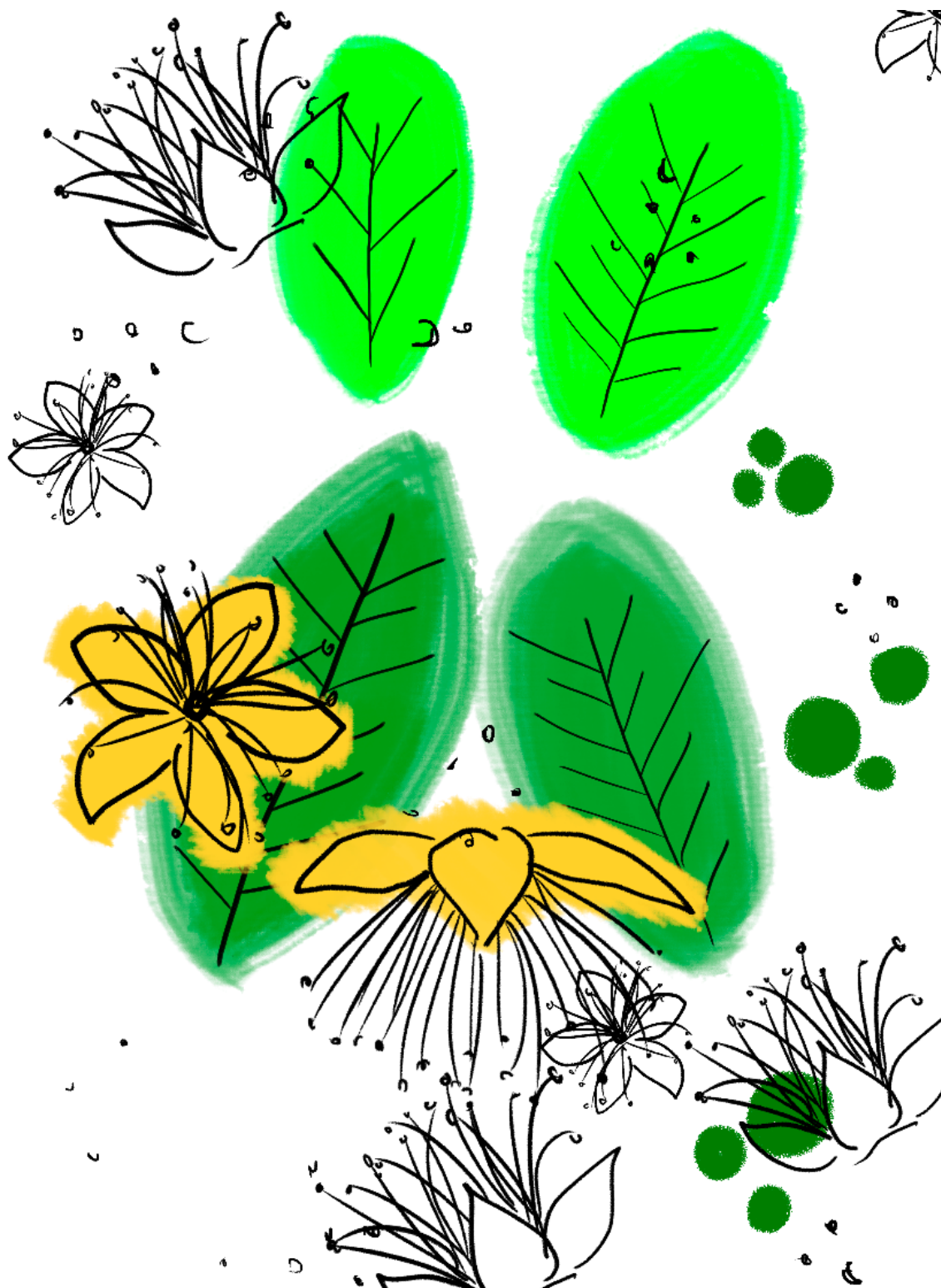
(figura 23 - primeiro teste de estampa do Oiti)

Foi refeita a pintura nas flores, apesar delas serem brancas, a cor amarela remete ao seu fruto, e desta forma, a estampa poderia ser mais colorida. Com esta alteração foi feita uma segunda versão já cheia da estampa.



(figura 24 - segundo teste de estampa do oiti)

O resultado somente usando as flores não foi satisfatório, então foram incorporados desenhos das folhas também e algumas bolas que fazem referência aos botões de flores que ainda não desabrocharam do ramo. Estes novos elementos foram acrescentados aos anteriores.



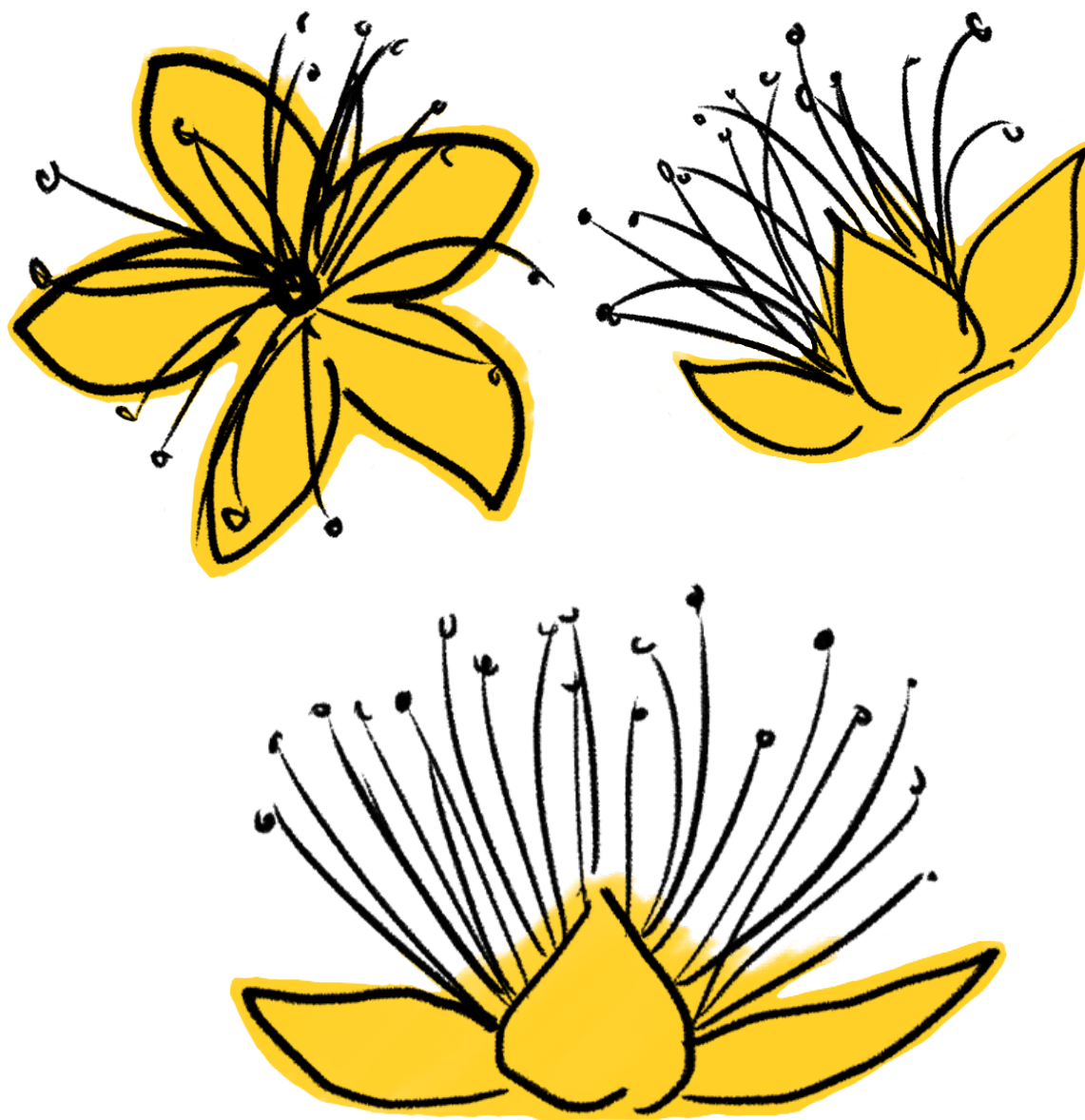
(figura 25 - rascunho das flores e folha do oiti)

O que levou a terceira versão da estampa:



(figura 26 - quarto teste de estampa do oiti)

A pintura das flores estava inadequada, muito fora do contorno do desenho, perdendo a forma da flor. A pintura foi refeita, ainda saindo do contorno, mas acompanhando a forma das linhas. O desenho ficou mais limpo.



(figura 27- novas versões das flores do oiti)

E desta forma chegou-se à versão final da estampa do Oiti-do-sertão.



(figura 28 - versão final da estampa Oiti-do-sertão)

4.2 Caju

O cajueiro (*Anacardium occidentale*) também típico no Nordeste do Brasil, é um árvore que chega a tamanhos entre 10 e 25 m de altura. Classificado como angiosperma, seu fruto principal é a castanha-de-caju, sendo o caju que conhecendo, apenas seu pseudo fruto. Tanto o caju quanto sua castanha são amplamente consumidos na alimentação dos brasileiros e possuem valores nutricionais altíssimos.

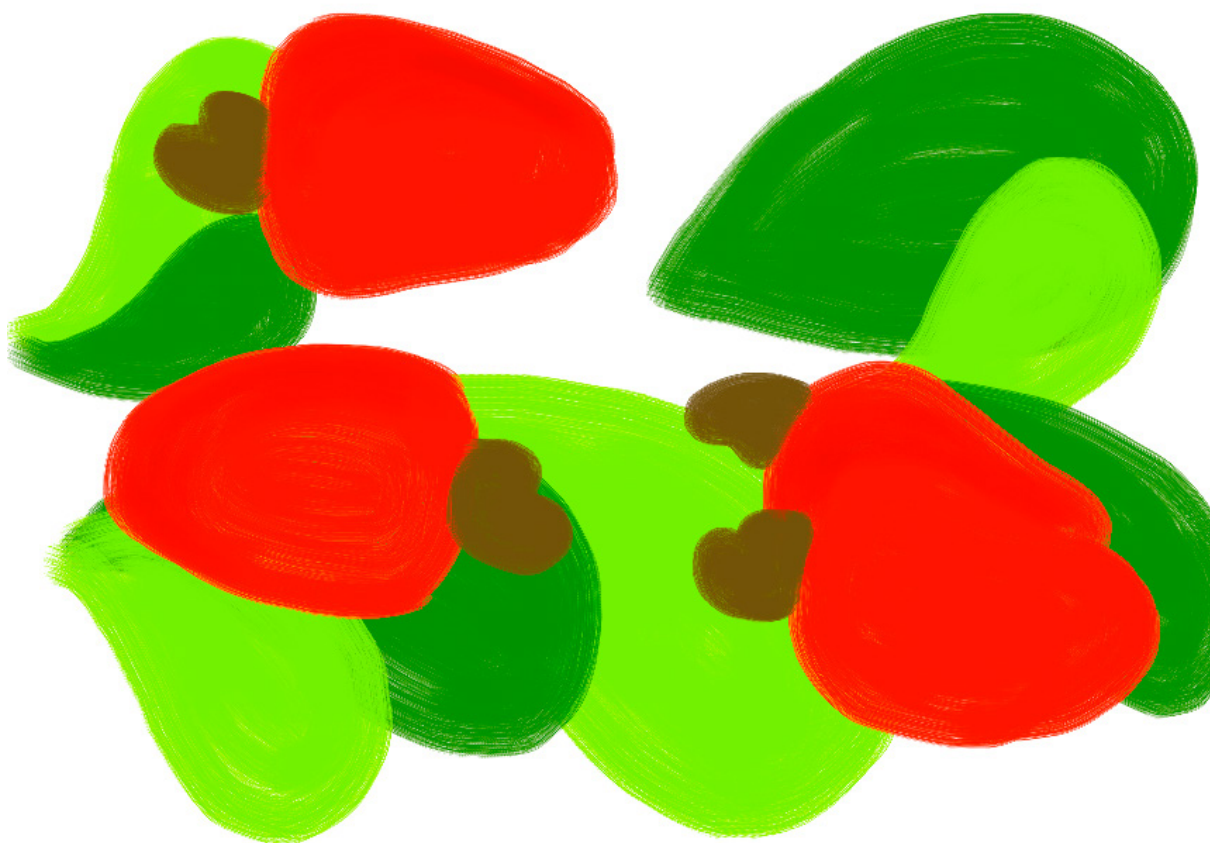


(figura 29 - fotografia de detalhes das folhas e frutos do cajueiro)

Foi pensado para a coleção, que uma das estampas representasse uma fruta. Em contraponto ao imaginário do cerrado que é seco e árido.

Nesta estampa buscou-se que os desenhos tivessem um visual mais orgânico. Apesar da estampa ser digital, foram usados pincéis com textura de tinta, para remeter a um traço manual.

Foi esboçado os frutos e as folhas da árvore inicialmente. Nesta etapa ainda a estampa iria ser predominantemente das folhas do cajueiro, mas com o primeiro teste, o resultado com maior destaque aos caju e seus tons mais quentes ficou bastante satisfatório.



(figura 30 - primeiro rascunho dos elementos da estampa cajueiro)



(figura 31 - primeiro teste da estampa cajueiro)

Nos primeiros esboços e com um primeiro teste da estampa, notou-se que era necessário acrescentar um pouco de profundidade às frutas. Que o desenho tinha ficado com um aspecto chapado e fazia os caju, especialmente os que ficavam agrupados, perder forma. Logo, alguns sombreados foram acrescentados para dar maior dimensão, mas sem perder o caráter simplificado da figura.



(figura 32 - segundo rascunho dos elementos da estampa cajueiro)

Com esta primeira versão da estampa, foi impressa a primeira amostra em trico-line de algodão. Nela foi possível perceber algumas alterações de cores que ocorriam com a impressão, então para a versão final foi adequado especialmente o tom do fundo do tecido. E os elementos que compõem a estampa foram redimensionados para 60% do tamanho original, que fazia ficado excessivamente grande.



(figura 33 - teste de impressão da estampa cajueiro em tricoline de algodão)

Desta forma chegou-se à versão final da estampa do caju.



(figura 34 - versão final da estampa cajueiro)

4.3 Caliandra

A Caliandra (*Calliandra dyshanta Benth*) é uma flor icônica do cerrado que nasce em arbustos. Devido a suas folhas finas, ela se fecha a noite para se proteger do frio e tem pouca durabilidade. Depois de arrancada de seu ramo, não sobrevive mais que poucos minutos.



(figura 35 - fotografia da flor Caliandra)

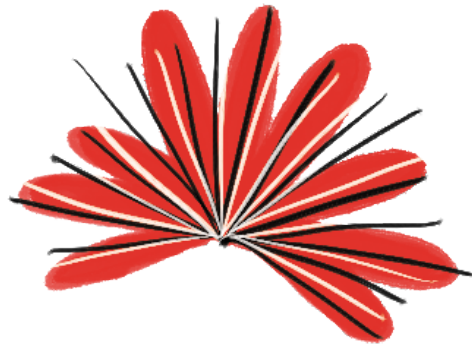
O início da estampa deu-se com esboços das flores, encontrando formas de simplificar e sintetizar seus elementos principais. Primeiramente foram feitos desenhos apenas de caliandras vermelhas.



(figura 36)



(figura 37)



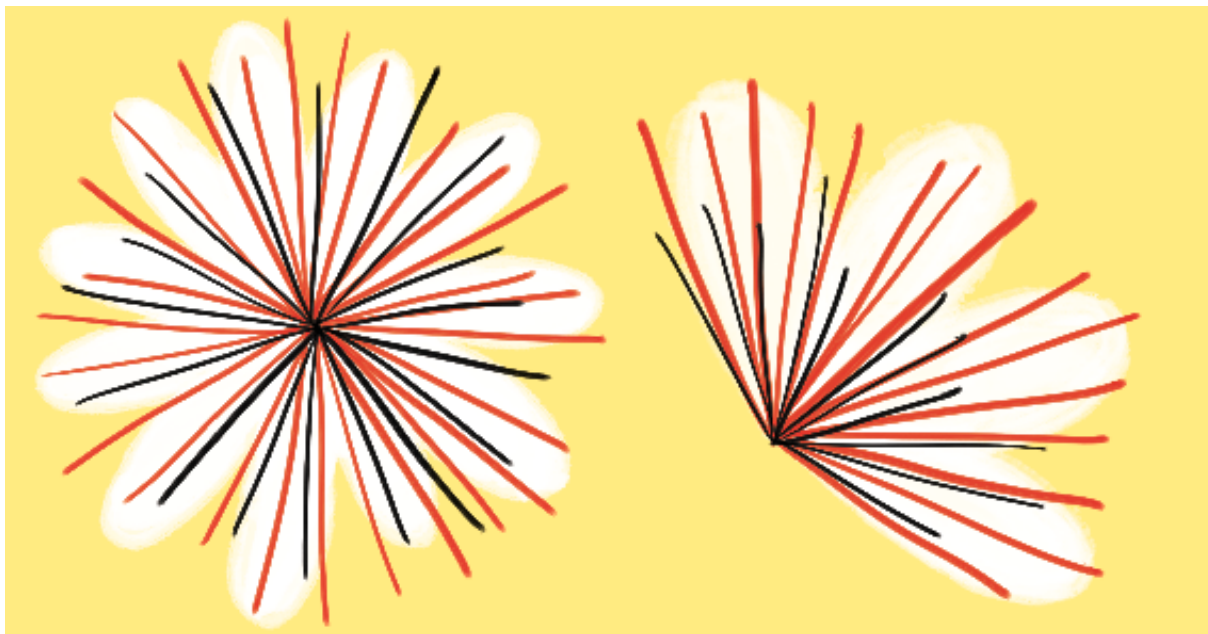
(figura 38)

(figura 36,, 37 e 38 - rascunhos de caliandras vermelhas)



(figura 39 - primeiro teste da estampa caliandra)

Com este primeiro teste de composição, sentiu-se a necessidade de que tivessem caliandras mais variadas, foi feito, então, alguns desenhos de caliandras brancas também para compor a estampa. Também ao fazer as flores destas cores, foi decidido que esta estampa teria o fundo escuro. Que seria interessante fazer um tecido de fundo preto em contraponto às outras estampas mais claras e coloridas.



(figura 40)

(figura 41)

(figura 40 e 41 - rascunhos de caliandras brancas)

Estes elementos foram os utilizados para criar as várias versões de rapport e composições da estampa, que foram sendo testadas até chegar à versão final. A primeira tentativa foi uma versão bastante cheia com rapports em quadrado, com composições feitas dos elementos refletidos dentro do rapport.



(figura 42 - segunda versão da estampa caliandra)

Utilizando a ferramenta de padronagem do Illustrator, foi feito um rapport hexagonal de 10 x 10 cm e criada uma versão que foi para a impressão de duas amostras de tecido: malha de crepe moss e malha viscosoft.



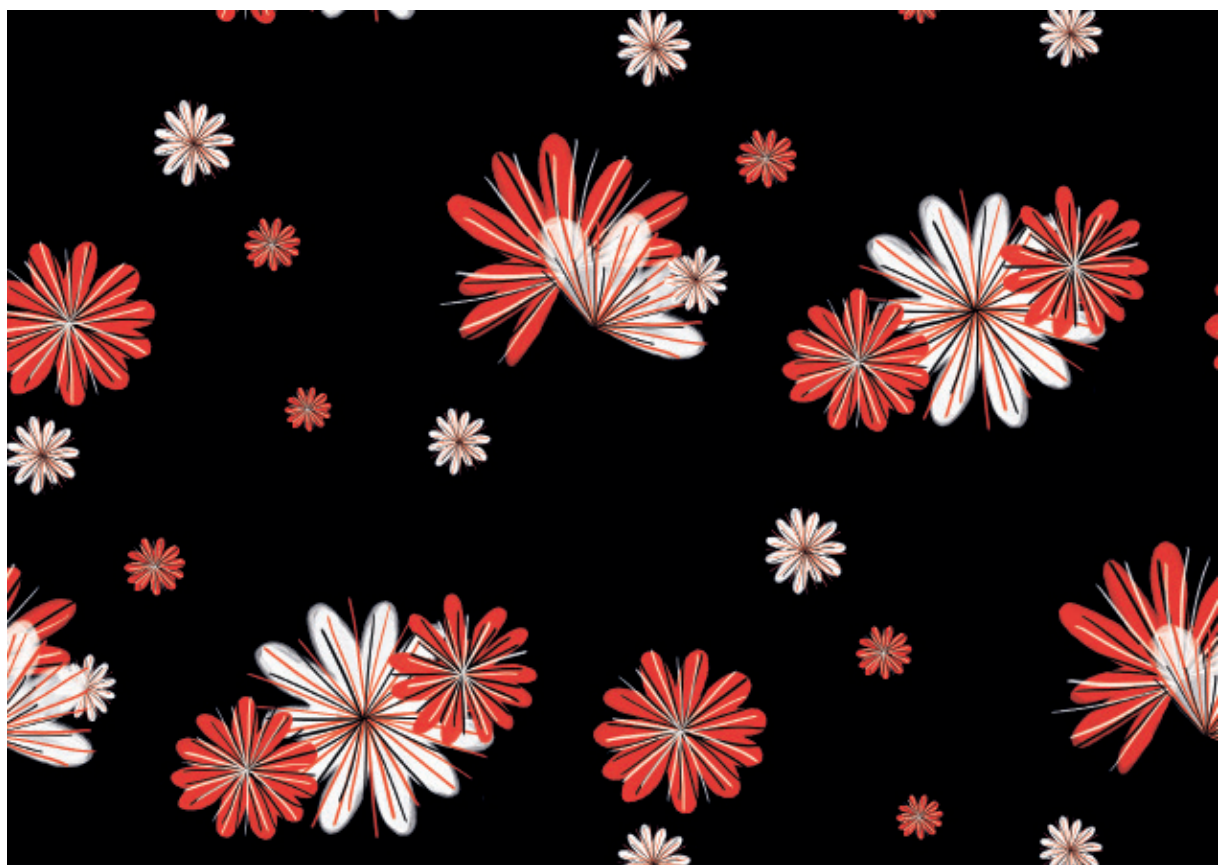
(figura 43 - terceira versão da estampa caliandra)

As duas amostras serviram para ver o tamanho real que a impressão saía, a qualidade, as cores. Em ambas percebeu-se que a qualidade da resolução em malha era muito inferior à qualidade da impressão num tecido plano; também foi observado que a estampa ficou muito cheia, e numa impressão maior ficaria poluída, e que os elementos poderiam ficar maiores no tecido dados os tamanhos das peças de roupa que seriam produzidas com ela.



(figura 44 - amostras impressas em malha crepe moss e malha viscosoft da estampa caliandra)

Com o resultado destas amostras, foram feitas várias versões da estampa, testando tamanhos e composições diferentes.



(figura 45 - quarta versão da estampa caliandra)



(figura 46 - quinta versão da estampa caliandra)



(figura 47 - sexta versão da estampa caliandra)

Chegou-se a versão final da estampa, com elementos maiores e propositalmente com espaços negativos ao centro dos elementos.



(figura 48 - versão final da estampa caliandra)

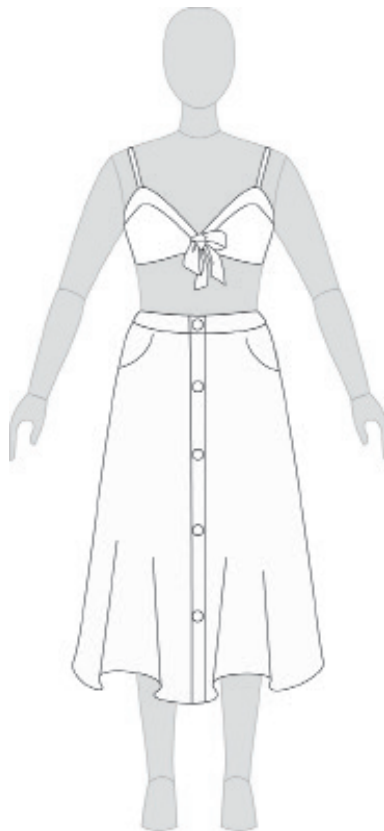
As roupas desenhadas para materializar as estampas foram pensadas em vestuário casual e peças que transmitissem leveza, com modelagens mais simples e amplas, de forma que as estampas possam aparecer.

4.4 Aplicação

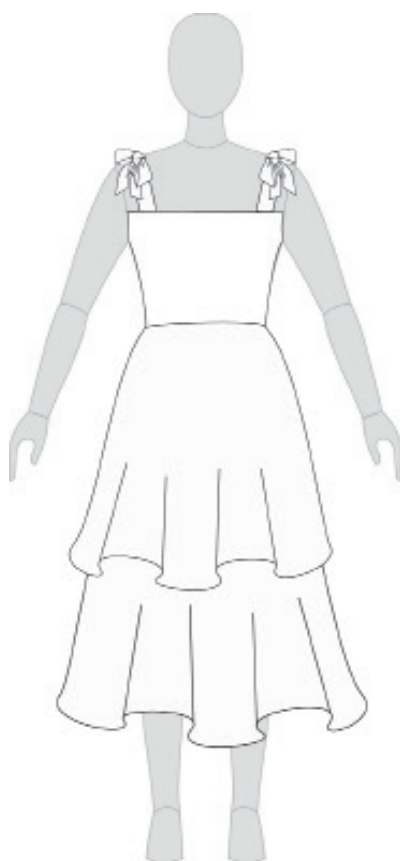
A coleção de estampas foi criada com o propósito principal de aplicação têxtil para vestuário. Os tecidos escolhidos

As peças de roupa para a aplicação da coleção foram pensadas de forma a atender alguns parâmetros: que fosse vestuário casual; transmitisse leveza, logo, peças para serem usadas em clima tropical; peças confortáveis, que não fossem complexas de vestir, com muitas amarrações, botões inacessíveis, apertadas demais provocando incômodo e o comprimento das peças prioriza a mobilidade, nem longas demais de forma que o usuário pise ou tropece, nem curtas demais limitando os movimentos.

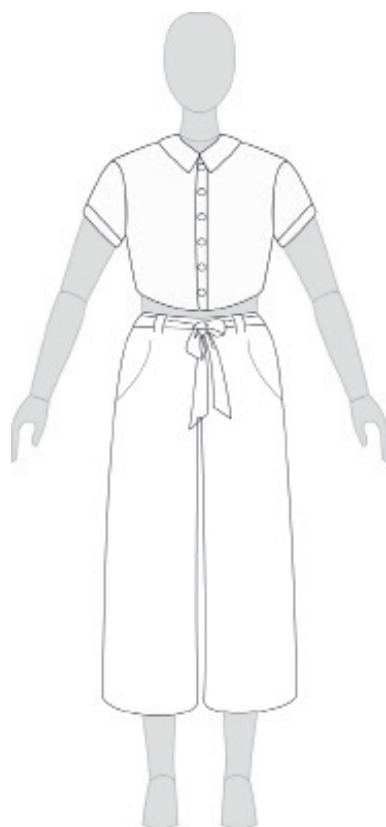
Logo foram pensadas três roupas que atendessem estes parâmetros: um conjunto de top de amarrar com uma saia midi para a estampa Oiti-do-Sertão; um vestido de babados com alça de amarrar para a estampa Cajueiro; e um conjunto de camisa de botão curta com uma pantacourt (calça pantalone com o comprimento curto).



(figura 49 - croqui do vestuário para a estampa Oiti-do-Sertão)



(figura 50 - croqui do vestido para a estampa Caju)



(figura 51 - croqui do conjunto para a estampa Caliandra)

























5. Conclusão

Acerca do projeto, há algumas reflexões a respeito da execução que poderiam ser diferentes: o plano ideal para a fabricação dos tecidos, em que orçamento não seja um fator limitante, as estampas seriam impressas de forma digital em tecidos naturais como a viscose e linho de algodão. Ambas são fibras naturais, sendo a viscose um tecido leve, e o linho um tecido mais estruturado, que no caso do vestido do Caju, daria mais estrutura à peça.

Porém a impressão destes tecidos só era possível a partir de 300 metros de tecido, o que é inviável para um projeto deste porte. Além de que não encontrou-se lugares em Brasília que faziam estas impressões a valores acessíveis, portanto todos os tecidos utilizados foram fabricados em São Paulo e enviados por correio. Este fator do local de produção dificultou a produção, que se tornava lenta pelo tempo em que as amostras e tecidos levavam para chegar em Brasília. E provavelmente com mais tempo, mais amostras poderiam ter sido feitas, o que poderia levar a outras escolhas de tecido.

Como alternativas aos tecidos, foi escolhido o tricoline de algodão, que é bem estruturado e ainda é de fibra natural, e o tecido gloss -como é chamado pela empresa Be Diff que o produziu- que é fluido e com brilho acetinado.

Dentro das limitações de prazo e orçamento que existiram, o resultado da coleção e a sua possibilidade de ser executado até as peças piloto das roupas foram muito satisfatórios. É muito enriquecedor passar pelo processo completo de escolha de tema, pesquisa, esboços e chegar a um produto final que pôde ser vestido. Muitas habilidades além do desenho e criatividade foram exploradas.

O desenvolvimento do Karã'dá além de ser o encerramento do curso de Design, é um projeto que expandiu a perspectiva profissional, foi uma descoberta de área de atuação como designer e é um primeiro passo para mais trabalhos nesta direção.

6. Bibliografia

AQUINO, FABIANA DE GOIS; OLIVEIRA, MARIA CRISTINA. Reserva legal no Bioma Cerrado: uso e preservação. Brasília: Embrapa, 2006.

BRIGGS-GOODE, AMANDA. Design de Estamparia Têxtil. Londres: Bookman, 2014

JOHNSON, C. LEE. A Short History of US Naval Camouflage in WWII. Estados Unidos, 2016

LIN, GONG; JOOYOUNG, SHIN. The Innovative Application of Surface Texture in Fashion and Textile Design. Coréia do Sul: Fashion and Texture Research Journal, 2013.

McNAB, SHANNON. What is Surface Design? Estados Unidos, 2016

SILVA JÚNIOR, MANOEL CLÁUDIO. 100 Árvores do Cerrado. Brasília: Rede de Sementes do Cerrado, 2005.